

BENTO MÂNTUA

(Luanda, 26/09/1878 – Lisboa, 20/12/1932)

Funcionário público, Bento Mântua foi chefe de repartição da Direcção Geral da Fazenda, exercendo os cargos de director geral e secretário-geral do Ministério das Finanças (Anón. 1932). O seu gosto e envolvimento desportivos fizeram com que acumulasse nove mandatos sucessivos como presidente do Sport Lisboa, futuro Sport Lisboa e Benfica, desde 1917 até 1926. Contudo, é como dramaturgo que será lembrado.

Dedicou-se ao teatro no tempo de Primeira República, escrevendo textos que denunciam os danos infligidos por uma ordem social injusta, deixando peças «talhadas em sinceridade, escritas com a austera rudeza de quem cumpre um dever, sem curar do agrado ou desagrado que iria provocar» (*ibid.*). A parte mais significativa da sua obra caracteriza-se por um naturalismo denso, explorado em breves actos que focam a miséria social.

Bento Mântua, cuja obra aborda a realidade humana no seu enquadramento social, aproximando-se do movimento operário de inícios do século XX em vários momentos, principiou a carreira de dramaturgo pela mão do encenador Araújo Pereira, que levou à cena *Novo altar*, peça de temática anticlerical representada pelo Teatro Moderno, em 31 Julho de 1905.

O Teatro Nacional – D. Maria II até à instauração da República, Almeida Garrett a seguir – irá acolher parte da dramaturgia do autor. Em 1908 estreia o drama regional *Má sina*, imediatamente retirado de cena, havendo uma única representação (Sequeira 1955: 502), mas posteriormente, segundo constaria, «representado com êxito» (Rebello 1997:247). A declaração política evidenciada em *Ordinário... marche!*, abertamente antimilitarista, levará à sua rejeição em 1913, mas a peça, já depois da Grande Guerra, será escolhida pelo Grupo Dramático Aurora Social, da União dos Sindicatos Operários de Évora, anunciando «3 belos actos de ensinamentos dolorosíssimos em que o insigne escritor, escarpeliza indignadamente o porubentismo da actual sociedade corrupta, que se afunda na depravação do vício, do egoísmo e do crime» (Anón. 1919: 22). A estreia dar-se-á logo no começo do ano seguinte, no Teatro Garcia de Resende, em benefício da Escola Francisco Ferrer (Anón. 1920: 36).

De algum modo, para compensar os percalços anteriores, o Conselho de Gerência do Teatro Nacional autoriza a peça *O álcool* (1912; Sequeira 1955: 502), apresentada pelos alunos da Escola da Arte de Representar, com encenação de António Pinheiro, e saudada por Albino Forjaz de Sampaio como uma «obra precursora do grande e verdadeiro teatro do futuro, cheio de ideias e aspirações, teatro-lição e terapêutica» (*apud* Rebello 1997: 2007). Todavia, o texto, na opinião de Luiz Francisco Rebello, «lido hoje, antes se diria a caricatura do estereótipo naturalista» (*ibid.*). Seguem-se, naquele palco, *Gente moça* (1913) e *Furtar* (1916), sendo *O álcool* e *Gente moça* publicadas em 1913, esta última traduzida pelo lusitanista catalão Ribera y Rovira e ambas recomendadas aos leitores d' *O socialista* – n.º 455, 14 de Outubro de 1913 – como indica Beatriz Garcia no seu estudo sobre teatro e socialismo na Primeira República (*apud* 2009: 297).

Outros espaços recebem textos de Bento Mântua: *A morte* sobe ao palco do Teatro Sá da Bandeira do Porto, em 1912, e *O fado* é apresentado no Teatro de S. Carlos, em 15 de Março de 1915, incluído no programa da festa artística de Henrique Alves. Antes deste espectáculo, como recorda Mário Moreau, «Ferreira da Silva leu uma explicação do autor a respeito da peça. Esta foi inspirada no quadro de José Malhoa com o mesmo título e na “Canção das Perdidas” de Augusto Gil. Tanto o pintor como o poeta assistiram ao espectáculo» (Moreau 1999:288). *O fado* será também a peça escolhida para as comemorações do 46.º aniversário da Comuna de Paris, que decorrem no Teatro do Povo da Mouraria, como se anuncia n’*O Combate*, n.º 125, de 18 de Março de 1917 (*apud* Garcia 2009: 186), e inspirará o filme homónimo, realizado por Maurice Mariaud em 1923, tendo Eduardo Brasão entre os protagonistas.

Ao longo da década de vinte, a produção dramática Bento Mântua diminui, talvez pela sua actividade em prol do desenvolvimento da actividade desportiva. No entanto, o autor ainda mantém a relação com a escrita e com a cena, dando à estampa a peça *A freira* (1916), o «acto único» *O passado* (1919) e o drama histórico *O cerco de Tânger* (1923), escrito em colaboração com António Sacramento. Outra peça em 1 acto, *Quando manda o coração*, estreia no Teatro Avenida de Coimbra, em 1925.

No ano do seu súbito falecimento, sobe à cena *Um homem* no Teatro Odéon (Anón. 1932), é publicado o diálogo em verso *Quem me dera ver* e, de acordo com o que surge no manuscrito, datar-se-á a redacção da comédia em 1 acto *Daqui a 30 anos* (Ferreira 1966: 150). Luiz Francisco Rebello menciona outras peças da sua lavra, tais como *A cigana* (com António Sacramento) e *Mulher, sempre mulher* (Rebello 1997: 247), e os manuscritos de *Terra mater* e *Nortada*, dos quais não havia notícias, encontram-se depositados nos arquivos do Museu Nacional do Teatro e da Dança.

Não obstante a gravidade dos temas abordados na sua obra, em especial a *solo*, o autor também se dedicou à comédia e ao teatro de entretenimento, escrevendo *A tríplice aliança*, com Salvador Marques, *A tia Ricardina*, com Ernesto Rodrigues, e a peça policial *O Crime da Avenida 33* (Teatro do Ginásio, 1914), em colaboração com Luís Barreto da Cruz. Em parceria com Albino Forjaz Sampaio, organizou a antologia de poetas portugueses e brasileiros *O livro das cortesãs* (1916).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANÓN. (1919). «Grupo dramático Aurora Social» in *Aurora Social* n.º 2. Dezembro, p. 22. Consultado em <<https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/textos/>> (data de acesso: 10 de Outubro de 2017).
- ___ (1920). «Grupo dramático Aurora Social» in *Aurora Social* n.º 3. Janeiro, p. 36. Consultado em <<https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/textos/>> (data de acesso: 10 de Outubro de 2017).
- ___ (1932). «Faleceu, ontem, o vigoroso escritor Bento Mantua» in *O Século*. 19 de Dez. Consultado em <<http://ww3.fl.ul.pt/CETbase/imgLib/imgBrowser.aspx?oT=RegistoFacsimile&pN=docID&pV=7233>> (data de acesso: 10 de Outubro de 2017).
- FERREIRA, Teresa Duarte (org. catalog. e índices) (1996). *Catálogo de teatro: A colecção do livreiro Eduardo Antunes Martinho (COD. 11702 - COD. 12887)*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- GARCÍA, Beatriz Peralta (2009). «La cultura obrera en Portugal. Teatro y socialismo durante la Primera República (1910-1926)» in *Serie Estudios Portugueses*. Mérida: Junta de Extremadura.
- MOREAU, Mário (1999). *O Teatro de S. Carlos: Dois séculos de história*. 2 Vols. Lisboa: Hugin. Vol. I
- REBELLO, Luiz Francisco (org.) (1997). «Bento Mântua. *O álcool* (1912)» in AA.VV., *Teatro português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 247.

___ (2010). *Três espelhos: uma visão panorâmica do teatro português do Liberalismo à Ditadura (1820-1926)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1955). *História do Teatro Nacional D. Maria II*. vol. II. Lisboa: Publicação Comemorativa do Centenário, 1846-1946.

SITIOGRAFIA

«<https://serbenfiquista.com>» (data de acesso: 10 de Outubro de 2017).

Rita Martins

Sebastiana Fadda